

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Vega Class.: Panará 89

Data: 03/01/73 Pg.: _____

ÍNDIOS

Natal na selva

No final da semana passada, VEJA recebeu uma carta do fotógrafo Luigi Mamprim, seu enviado especial ao interior do Mato Grosso, onde os irmãos Villas Boas pacificam os kranha-köröre. Entre outras coisas, Mamprim conta como foi o Natal entre os índios. Aqui, alguns trechos dela.

A situação permanece sem modificações (...).

Na margem direita do rio Peixoto de Azevedo, pouco antes da sua confluência com o rio Teles Pires, está surgindo o que poderá ser, dentro de alguns anos, uma pequena cidade. De proporções modestas, por enquanto, conta com nove "construções", sendo uma cozinha-refeitório, uma casa de cozinheiros, uma sala de imprensa, casa de Cláudio Villas Boas e armazém, casa de rádio e enfermaria, habitáculo para o gerador, uma grande casa para o pessoal, dois sanitários. População (exclusivamente masculina): 42 índios do Parque Nacional Indígena do Xingu, três civilizados (Cláudio e dois jornalistas) e um índio, Mutina — funcionário da Funai, enviado na ocasião do surto de gripe. Há, também, um pequeno zoo, com dois macacos, duas araras, dois periquitos e uma garça (...).

Um campinho de pouso de 605 metros, bem compactado, garante, pelo menos até as grandes chuvas, as comunicações por via aérea. Seis canoas, com dois motores de popa, permitem rápidas incursões aos arredores e assegurarão, caso o campo se torne impraticável, as comunicações com a BR-165, construída pelo 9.º BEC, cerca de 70 quilômetros rio acima.

Do outro lado do rio, uma barraquinha abriga os presentes deixados pelo Cláudio, caso os índios kranha-köröre resolvam reaparecer (...).

Com a subida do nível do rio, aumentou o número dos peixes que se deixam fregar. O pacu é a principal vítima, mas aumentaram também os peixes carnívoros. Tais como as piranhas e as terríveis piraíbas, que alcançam quase 2 metros. Os índios não se arriscam mais a tomar banho no meio do rio; banham-se cuidadosamente perto da margem, em 1 metro ou mais de água (...).

Providencialmente, na última remessa de alimentos enviados pela Funai, chegou uma bomba para borrifar DDT. E os grilos, derrotados pela arma química, estão batendo em retirada (...).

A retirada do pequeno O-19, o aviãozinho de reconhecimento da FAB que, atendendo ao 9.º BEC, também dava assistência à equipe da Funai, causou uma série de dificuldades. O abastecimento tornou-se irregular, ficando a expedição mais de dez dias comendo somente feijão com carne seca ou peixe (...).

Na semana passada houve um violento surto de gripe, acamando trinta dos 42 índios da equipe. A Funai enviou prontamente um médico e dois enfermeiros para tratar do caso. O médico, dr. Figueiredo, observou a escassez de alimentos e prometeu tomar providências (em parte já atendidas), a fim de aumentar o estoque e variar a qualidade. O que mais faz falta é alimento fresco, legumes e verduras em geral (...).

No caso da gripe, conseguiu-se comunicação com Cuiabá, apesar de o rádio estar em condições precárias, com uma válvula defeituosa. Sua substituição foi pedida há mais de três meses.

No dia de Natal, o posto Diauaruru, do Parque do Xingu, avisava que um índio juruna havia sido mordido por uma cobra. Cláudio orientou o índio pelo rádio, indicando o tipo de soro a ser aplicado, acompanhando-o hora por hora. Pergunta-se, então, o que teria acontecido se o rádio parasse de funcionar.

O Natal, por sinal, foi comemorado

de forma austera. Folga geral (os índios aproveitaram para lavar roupa), um pouquinho de chocolate, um chiclete para cada um e peixe frito. À noite, milagrosamente, apareceram nozes e castanhas do fundo dos misteriosos embornais de Cláudio.

A falta de avião impede que se possa tentar um vôo sobre as aldeias dos kranha-köröre. Sabe-se apenas que o milho deles está grande e que após a colheita eles talvez resolvam nos visitar (...).

Chega. Estou bem. Apenas os livros que trouxe comigo estão acabando.



Nas margens do rio Peixoto de Azevedo surge o que poderá ser uma cidade